

## Trajectoria político de António Agostinho Neto (1947-1975))

João Baptista Gime Luís \*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0002-6267-6300>

**Resumo:** O nacionalismo independentista angolano, 1961-1975, é dirigido por três figuras emblemáticas — Holden Roberto, da UPA-FNLA, António Agostinho Neto, do MPLA, e Jonas Malheiro Savimbi, da UNITA. Salienta-se, contudo, que das negociações entre os movimentos de libertação angolanos e Portugal, no Alvor, foi validada a independência proclamada pelo MPLA dirigido por Agostinho Neto. Neste estudo, no contexto da história política da libertação de Angola e em virtude do 99º aniversário de Agostinho Neto, propõe-se discorrer o trajeto político do primeiro presidente de Angola independente. Questiona-se, desta feita, à luz da realidade colonial e das suas implicações em Angola, quem é Agostinho Neto entrementes aos anos de 1947 e 1975. Para responder à questão, o estudo serve-se da análise prosopográfica e da história dos conceitos. O mote do ensaio são as ações históricas, políticas e sociais que estão na base e na origem da construção do Estado e nação de Angola, aqui, protagonizadas por intermédio de Agostinho Neto. Este homem, conhecido com os codinomes de Manguxi e Kilamba no decurso da revolução, presidente do MPLA, vencedor das negociações da independência com Portugal, potência administrante do território, em 1975, é o fundador e o pai do Estado e nação de Angola.

**Palavras-chave:** Política; Nacionalismo; Angola; Agostinho Neto

**Abstract:** Angolan Independence nationalism, 1961-1975, is directed by three iconic figure — Holden Robert, from UPA-FNLA, António Agostinho Neto, MPLA and Jonas Malheiro Savimbi UNITA. It should be noted, however, that the negotiations between the angolan liberation movements and Portugal in Alvor, validated the Independence proclaimed by the MPLA headed by Agostinho Neto. In this study, in the context of the political history of the liberation of the Angola and due to the 99<sup>th</sup> anniversary of Agostinho Neto, it proposed to discuss the political trajectory of the first presidente of independente Angola. The question is, this time in light of the colonial reality and its implications in Angola who is Agostinho Neto between 1947 and 1975? To answer the question, the study uses prosopography analysis and history of concepts. The motto of the essay is the historical, political and social actions that are at the base and origin of the of the construction of the state and nation of Angola her carried out through the intermediary of Agostinho Neto. This man, known by the cod names of Manguxi and Kilamba during the revolution presidente of the MPLA, winner of the Independence negotiations with Portugal, administering power of the territory in 1975, is the founder and father of the state and nation of Angola.

**Keyword:** Politic; Nationalism; Angola; Agostinho Neto

### Ndiatulu i tata Agostinho Neto mu kula nsi (1947-1975)

**Ntu nsamu** (ibinda)

Mambu mu lukuku zi nsi ilele ku ntoto 'Ngola buna bu tona mvita, mu nvu i 1961 ai 1975, mfumu zi tatu — Holden Roberto i libundu li UPA-FNLA, António Agostinho Neto, tata basi MPLA ai Jonas

---

\* Doutor pelo Programa Interuniversitário de Doutoramento em História: mudança e continuidade num mundo global da Universidade de Lisboa, através do Instituto de Ciências Sociais, com a colaboração da Faculdade de Letras, do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, a Universidade Católica Portuguesa e a Universidade de Évora. Mestre em História, especialidade em História da África pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Mestre em Filosofia, especialidade em Ética e Filosofia Política pela Universidade Católica, Braga. Professor Auxiliar do Departamento de História do Instituto Superior de Ciências da Educação de Cabinda. E-mail: joao13@campus.ul.pt

Malheiro Savimbi mfumu i UNITA — ba liasia mvita buinji nsi i kukua mu mioko mputu nkandi. Vanji, mfumu ubaka mvita ai unangunua ilimbu ci likuku lu 'Ngola buna bu yambulua ai Mputu nkandi kuna buala buandi, Agostinho Neto na bu ta cimbanji. Mu ilumbu aci bi ta lubutulu luandi, luzabu'abu ncinji nanjikia nzila ina Neto ku ta buinji kula nsi i 'Ngola muna lizina li MPLA. Vanji, ciuvu civuizi nsinji zaba, bunsu andi na tata Neto ku fuika muna kutulua makanda mu'Ngola muna mu lele ivika, tona kuandi vana ka ienda ku Mputu muna nvu i 1947 de vana ka vumukua lipanda muna nvu i 1975. Nvutu i ta cimbanji ci Neto muzabegene muna luzingu ku nata mu ibila ci nsi, tona kuandi buna ka ienda ku Mputu de vana ku vutukua ku 'Ngola. Mu ibil'ocio munu nvu i 1975 buna nsi ikukua muna mioko mu tata Neto, viokeze zabana mu lizina li tata Manguxi ai tata Kilamba, buau nza ionso i 'Ngola ukunangasia. Neto, mfumu u MPLA, nandi u vioka zi mfumu zionso vana kula nsi i 'Ngola, nandi uiteua tata mu babonso, ono uvekua buinji ku tunga nsi i 'Ngola muna mu lele zi nhenze zi ntoto.

**Nto zi nsamu:** Nzila i lukuku; 'Ngola; tata Agostinho Neto.

## Introdução

Reconhecendo embora a complexidade do nacionalismo angolano, visto desde os finais do século XIX, é em 1975 que se consuma a libertação de Angola do regime colonial português. António Agostinho Neto (1922-1979), apresenta-se, desta feita, como uma figura incontornável do nacionalismo angolano. A par das duas outras figuras emblemáticas que dirigiram o último terço do nacionalismo independentista angolano, Holden Roberto e Jonas Malheiro Savimbi, é com Agostinho Neto e sua liderança que Angola se transforma em Estado-nação independente.

Na decorrência da efeméride do dia 17 de Setembro, celebração do 99º aniversário do nascimento de Agostinho Neto, e na antecipação das festividades do seu centenário, propusemo-nos a título breve discorrer o trajeto político de Agostinho Neto, fundador do Estado angolano.

Para a prossecução do nosso intento, circunscrevemos o nosso olhar aos anos de 1947, chegada de Neto à Lisboa, e 1975, ano da proclamação da independência de Angola. Pretendemos deste modo apresentar o perfil político de Agostinho Neto que contribuiu para a transformação de Angola num novo Estado e, de modo específico, percorrer historicamente a perspectiva nacionalista do MPLA e do seu principal ideólogo.

O nacionalismo angolano segue, insofismavelmente, o vocabulário político resultante do pós-guerra que exige, no concerto das nações, em 1945, a emancipação dos territórios colonizados. Neste sentido, em Angola, na segunda metade da década de 1950 emergem as várias elites (locais) que dão corpo ao início da luta de libertação nacional em 1961. Não admira, pois, o protagonismo dos três líderes carismáticos, que dirigindo os movimentos de libertação UPA-FNLA, MPLA e UNITA, Holden Roberto,

Agostinho Neto e Jonas Savimbi, negociam a descolonização de Angola com Portugal, a potência administrante do território.

Este estudo, a partir dos pressupostos da prosopografia e da história dos conceitos destaca o papel de Agostinho Neto, pai da nação angolana, enquanto presidente do movimento vencedor do processo nacionalista angolano, proclamando a República Popular de Angola em 11 de Novembro de 1975. A reflexão estrutura-se em quatro tópicos, todos em volta no nome de Agostinho Neto: homem e político; na metrópole e contra a metrópole, a evolução da consciência política; ativismo político e o olhar da PIDE; da presidência à nova constituição do MPLA.

## **1.Homem e político**

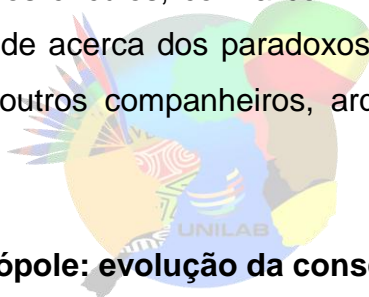
Na história de Angola independente, vários estudos apontam a figura de Agostinho Neto como o libertador, o herói nacional, o fundador da nação, referindo quatro dimensões: «poeta, médico, guerrilheiro e estadista». (*Agostinho Neto: Homenagem*, 2004). Mas é no Movimento Popular de Libertação de Angola, MPLA que Agostinho Neto se notabiliza no processo da libertação nacional por ter sido a representação nativa dos angolanos, se considerar o episódio de 1962 que, opondo Agostinho Neto (negro) e Viriato da Cruz (mestiço), numa organização de estrutura africana, de contestação da ocupação colonial entre autóctones (e sendo que a divergência entre as duas figuras mais do que de choque de personalidade e racial fosse política), Agostinho Neto granjearia de maior apoio das massas negras para chefe. Mário Pinto de Andrade, acerca da transferência da presidência do MPLA para Agostinho Neto em Léopoldville, em 1962, descreve: “Neto era, internamente, o homem capaz de reunir as organizações que deviam exprimir-se em nome do MPLA; [...] era naturalmente aquele que devia conduzir os homens, que tinha nascido para dirigir: [é] aquele por quem se espera”. (Andrade & Laban, 1997, p. 179; 181).

Os primeiros passos do percurso político de Agostinho Neto levam-no de Kaxicane a Lisboa, passando por Luanda, Malange, Bié, Coimbra e Porto. António Agostinho Neto nasce em Kaxicane, município de Catete, distrito de Icolo e Bengo, a 60 km de Luanda, em 17 de Setembro de 1922. É filho de Agostinho Pedro Neto, catequista da Missão Americana em Luanda, mais tarde Pastor e professor nos Dembos, e de Maria da Silva Neto, professora. Dos progenitores de Agostinho Neto, sabe-se que o pai é natural de Icolo e Bengo, já a mãe, facto pouco conhecido, é oriunda do Bié. (Vicente, 2019).

Em Kaxicane, tendo como professor o seu próprio pai, Agostinho Neto faz o ensino primário, que viria a concluir em Luanda, em 1934. Já na capital, inscreve-se no então Liceu Salvador Correia, onde completa em 1944 o 7.º ano do curso liceal. Aos 22 anos de idade, em Luanda, emprega-se como funcionário nos Serviços de Saúde e Higiene, colocado, posteriormente, na Direção Provincial de Malange por cerca de dois anos e, depois, transferido para o Bié, em 1946.

Em Setembro de 1947 embarca para Portugal a fim de frequentar a Faculdade de Medicina de Coimbra, beneficiando, posteriormente, de uma bolsa de estudos da Igreja Protestante. Lembre-se, neste caso particular, segundo a prática do tempo a necessidade de ser funcionário durante algum tempo a fim de juntar dinheiro, ter um pecúlio, ter uma bolsa e ir para Portugal. (Andrade & Laban, 1997, p. 52). Termina a formação em Lisboa, com a licenciatura em Medicina, especialidade em Medicina Tropical, em 1959.

Depois de trabalhar para o Estado em Luanda, na metrópole Agostinho Neto dá início, *de facto*, à sua convicção nacionalista-independentista. Na CEI (Casa dos Estudantes do Império) e noutros círculos, com a convivência académica de estudantes de outras proveniências, aprende acerca dos paradoxos do processo colonial português em África. Em conjunto com outros companheiros, arquiteta estratégias da revolução independentista.



## **2. Na metrópole contra a metrópole: evolução da consciência política**

Em 1948, um ano depois da chegada de Agostinho Neto a Portugal, ocorre a de Mário Pinto de Andrade. Agostinho Neto e Mário Pinto de Andrade não se tinham conhecido em Luanda. Entretanto, o encontro entre os dois transforma-os e enriquece a consciência política de ambos sobre Angola.

Depois de ser recebido por Humberto Machado em Lisboa, a primeira figura que Mário Pinto de Andrade contacta é Amílcar Cabral. As impressões de hospitalidade de Cabral e de outros companheiros africanos são tão marcantes para Mário Pinto de Andrade que, segundo testemunho próprio, é desse espírito gregário e de solidariedade africana que desperta o sentimento de grupo. E, a partir de 1949, do encontro com Agostinho Neto, alargam-se as preocupações de interesse comum.

É daí que nasce a geração “Cabral”, um grupo de estudantes que emerge para a ação política: Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, Humberto Machado, Noémia de Sousa, Alda Espírito Santo e Francisco José Tenreiro. (Andrade &

Laban, 1997, pp. 47; 49). É deste grupo heterogéneo que nasce o MAC (Movimento Anti-Colonialista), tendo a situação política, social e cultural nas colónias proeminência entre as preocupações dos jovens estudantes africanos em Lisboa.

O grupo, convicto dos seus objetivos políticos, disfarça o seu ativismo no quotidiano metropolitano em atividades ditas de pensamento. Aparentemente, as suas intenções passam pelas atividades recreativas, culturais e académicas. Três núcleos — a Casa dos Estudantes do Império, o Centro de Estudos Africanos e o Clube Marítimo — servem de pontos de apoio das suas intenções políticas.

Na Casa dos Estudantes do Império (CEI), considera-se fundamental o cruzamento com estudantes do ultramar. As tertúlias e os novos conhecimentos adquiridos, sobretudo da organização política das sociedades europeias, liberais, tornam-se vitais. As sessões de índole cultural e literária servem como oportunidade de elucidação das realidades coloniais discutidas nos círculos da Metrópole. Neste sentido, a nova experiência dos estudantes angolanos estimula-os para a defesa dos interesses dos angolanos, autóctones, na colónia. Pois, a sua observação do exercício dos direitos fundamentais propugnados na Metrópole é paradoxal quando confrontado com a realidade imposta na colónia.

No Centro dos Estudos Africanos (CEA), em Lisboa, o destaque vai para as atividades engendradas com o fim de discutir a África cientificamente. Interessam também as iniciativas literárias, as traduções de autores estrangeiros, as publicações em revistas (*Mensagem*, *Présence Africaine*). É significativa a concretização do projeto de publicar o “Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa”. Um desafio de “reafricanização dos espíritos”, no sentido de aproximar à universalização o despertar político (africano) dos povos dos territórios coloniais portugueses. Já no Clube Marítimo Africano (CMA), clandestinamente, os membros do CEA alfabetizam e assistem politicamente os embarcadiços. Uma classe operária desprovida de oportunidades académicas serve de pivô com a colónia, veiculando informações saídas de Luanda e de Lisboa para Luanda.

Lembre-se, a par do grupo de Neto, de Cabral e de Mário Pinto de Andrade em Lisboa, os outros grupos existentes em Luanda. Ademais, sabe-se que o MPLA é produto da placa giratória dos vários movimentos aparecidos em Luanda na segunda metade do ano de 1950. E, dentre os ativistas de destaque dos mesmos movimentos, que servem de ligação com os (poucos) intelectuais angolanos no estrangeiro, destacam-se Viriato da Cruz, fundamentalmente, Ilídio Tomé Alves Machado, António Jacinto do Amaral Martins, Martins Lenston, Mário António e outros tantos que constituirão parte da elite do MPLA.

### 3. Ativismo político e o olhar da PIDE

Da passagem pela CEI de estudantes oriundos das colónias portuguesas resulta, na primeira metade de 1950, a constituição de um núcleo — engajado em outros movimentos — que sai do anonimato e traça a via de independência dos seus territórios. Desse núcleo, para o contexto de Angola, surge, entre os poucos estudantes, Agostinho Neto.

Agostinho Neto torna-se um ativista dinâmico. A associação às atividades da oposição ao regime salazarista, o Partido Comunista Português (PCP) e o Movimento Unido Democrático Juvenil (MUD Juvenil), custa-lhe a primeira prisão de noventa dias, em 1952. Esta prisão dá-se durante uma manifestação contra a política “fascista” do Governo.

No mesmo ano, 1952, Agostinho Neto oficializa a sua filiação no MUD Juvenil, sendo eleito em 1955 membro da Comissão Central do MUD Juvenil na qualidade de representante dos jovens das colónias. Atenta-se que a militância de Agostinho Neto no MUD Juvenil, onde pontificam todas as forças opositoras do Estado Novo (entre comunistas, católicos e socialistas), dá-lhe, em relação a Holden Roberto e a Jonas Savimbi, na nossa ótica, as possibilidades e os maiores consensos na liderança do futuro Estado de Angola.

Agostinho Neto, através das diligências dos intelectuais do MPLA e do seu próprio ativismo, penetra, por um lado, nos núcleos das forças oposicionistas portuguesas. Por outro, a experiência de Agostinho Neto, como estudante na Metrópole e inclinando-se à ideologia comunista, diferentemente de Holden Roberto pela UPA-FNLA e Jonas Savimbi pela UNITA, garantir-lhe-ia, em nome do MPLA, a preferência no processo político da transição da independência. Neste sentido, reitera-se que a passagem de Agostinho Neto líder do MPLA pela Metrópole fê-lo ostentar um testemunho digno de nota. Estudante e filiado da CEI, teve a oportunidade de conviver e maturar os seus ideais anticoloniais militando nos movimentos de oposição ao regime do Estado Novo. Integra o MUD Juvenil e o PCP, e é um dos julgados no conhecido processo que conduziu à extinção do MUD, “Julgamento dos 51”, em 1957, na cidade do Porto.

**Imagem 1:** Agostinho Neto e o julgamento dos “51” jovens do MUD Juvenil, Porto, 12 de Junho de 1957, que determina a ilegalização formal do movimento.



**Fonte:** Quadro do Museu do Neo-Realismo, Vila Franca de Xira, Lisboa, exposição permanente, consultado a 11 de Fevereiro de 2019.

O MPLA será conhecido através do seu líder, Agostinho Neto, por uma vasta gama de figuras e políticos portugueses da “Esquerda” os quais, no contexto do ambiente revolucionário do 25 de Abril, não deixariam de manifestar a sua simpatia pelo movimento de Agostinho Neto — Partido Socialista (PS), influência de Almeida Santos, um dos signatários dos Acordos do Alvor e colega de Agostinho Neto nos tempos da Universidade em Coimbra (V. Magarreiro, comunicação pessoal, 2005), Partido Comunista Português (PCP), Álvaro Cunhal, Movimento Democrático Português-Comissão Democrática Eleitoral (MDP-CDE), José Manuel Tengarrinha, Movimento de Esquerda Socialista (MES), Agostinho Roseta, Jerónimo Franco, Jorge Sampaio, Nuno Teotónio Pereira, César Oliveira, Eduardo Ferro Rodrigues (Cardoso, 1975, p. 42) e muitos militares do MFA de Angola. (MFA, 1975).

**Imagem 2:** Cartaz do Partido Comunista Português, PCP, Novembro de 1975



**Fonte:** Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, 2019.



Imagem 3: Cartaz do Movimento Democrático Português (MDP/CDE), Novembro de 1975

**angola:**

**o povo no poder  
o poder ao MPLA**

Às zero horas do dia 11 de Novembro Angola tornar-se-á independente.

O imperialismo, contudo, quer que essa independência seja apenas formal. Os homens das grandes companhias internacionais que exploram as riquezas do povo angolano querem continuar a explorar e a enriquecer a custa do suor dos nossos irmãos angolanos. Por isso, esses imperialistas - com o apoio das forças reaccionárias e neo-colonialistas portuguesas - não querem que seja o MPLA, vanguarda do povo angolano, a assumir o poder no dia 11 de Novembro.

A UNITA e a FNLA são os instrumentos que os inimigos do povo angolano - que são também os inimigos do povo português - utilizam para tentar impedir que o MPLA assuma o poder e, assim, se caminhe para uma Angola verdadeiramente independente e progressista.

Os ataques que movem ao MPLA têm já características de verdadeira invasão estrangeira. Do Zaire reaccionário e neocolonizado, bem como da África do Sul fascista e racista, vem as colunas que pretendem esmagar o povo angolano, submetendo-o de novo ao jugo do imperialismo explorador.


Ante isto, não pode o povo português ficar parado. São grandes as responsabilidades do nosso povo para com o povo irmão de Angola. Nunca os nossos povos foram inimigos. Agora podemos começar uma nova vida em que, livres e fraternos, construamos um futuro sem exploradores.

Derrotar os imperialistas em Angola é contribuir para a sua derrota aqui, onde atacam também cada vez com maior violência.

Manifestemos o nosso apoio ao povo angolano e à sua vanguarda, o MPLA.

Exijamos a entrega dos poderes ao MPLA, única forma de cumprir com honra o programa libertador do MFA.

**TODOS À MANIFESTAÇÃO**  
**DIA 3 DE NOVEMBRO - PELAS 19,30 H.**  
**CONCENTRAÇÃO NO CAIS DO SODRÉ - para MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS**

**MDP/CDE**

Organização Regional de Lisboa do  
MDP/CDE.

Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, 2019.

A adesão de Agostinho Neto ao MUD Juvenil leva-o à prisão pela segunda vez, com cerca de uma centena de jovens portugueses, estudantes e trabalhadores. Devido a esta prisão, Agostinho Neto passará, mais uma vez, a ter uma visibilidade política nos círculos oposicionistas ao regime de Salazar em Lisboa. É libertado, em 1957, tendo

cumprido uma pena de 28 meses. É importante destacar nesse processo de condenação de Agostinho Neto o controlo exercido pela PIDE. Segundo a atuação do Tribunal Plenário da cidade do Porto, Agostinho Neto deveria ser condenado a uma pena de 18 meses, que se traduziriam em prisão correcional e à perda de direitos políticos por um período de cinco anos. Esta sentença, aligeirada segundo os registos da PIDE, seria possível graças “também à brilhante defesa feita pelo seu advogado, o ardente democrata do Porto, o Professor António Macedo”. (Neto et al., 2011, pp. 356–360). Todavia, a interferência da PIDE fez com que o tribunal alargasse o cumprimento da pena para 28 meses.

As prisões de Agostinho Neto pelas autoridades (PIDE) demonstram o seu ativismo no processo da consciência nacionalista e independentista de Angola. Terminada a sua formação como médico, regressa a Angola, em 1959, e coloca-se ao serviço do seu povo, pois sabe das suas necessidades. Exerce a sua profissão, a começar como médico privado e, a seguir, nos serviços de saúde pública.

O regresso de Agostinho Neto, em 1959 coincide com o momento em que o estado de consciência nacionalista e independentista angolano toma um andamento organizacional, apesar das duras condições de clandestinidade em que se age. É nesta circunstância que Agostinho Neto se filia no Movimento para a Independência Nacional de Angola (MINA).

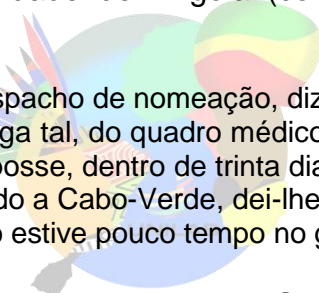
Decorrem em Luanda, pela ação da PIDE, diversas prisões de nacionalistas. Lembre-se o “Processo dos Cinquenta” — primeiros presos políticos de Angola — 1959. A presença de Neto não passa despercebida ao olhar da PIDE. Aliás, antes do seu regresso a Angola, o seu “grupo” estrutura o MAC que, gradativamente do exterior, evolui para a FRAIN e CONCP (Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas, nascida em Casablanca, em 1961) visando a revolução no interior das colónias. (Andrade & Laban, 1997, pp. 174–175).

Em Luanda, Agostinho Neto, integrante do MINA, é preso, mais uma vez, pela PIDE. Segundo os registos dessa detenção, em 1960, o povo mobiliza-se contra a política repressiva e arbitrária da PIDE, o que provoca uma nova vaga de prisões e uma repressão mais violenta — o massacre de nacionalistas em Icolo e Bengo, em 1960, aldeia natal de Neto, os quais se manifestam exigindo a libertação de Agostinho Neto e dos seus companheiros do MINA.

A prisão de Agostinho Neto em 1960, é justificada em virtude da efervescência política da época, a qual leva a polícia política a sugerir o desterro de Agostinho Neto na

Ilha de Cabo-Verde. Na verdade, apesar da situação de antagonismo político, Neto tem como “defensor” Adriano Moreira, sem que os dois se conheçam, podendo sair de Angola não como preso, mas como médico “em comissão de serviço” em Cabo-Verde. “Fui eu quem pus em liberdade Agostinho Neto. Quando ele estava preso em Luanda, era ministro havia pouco tempo”, testemunha Adriano Moreira<sup>1</sup>.

A relação entre Adriano Moreira e Agostinho Neto é inusitada. Nunca se tinham encontrado pessoalmente. Pensa-se, segundo os órgãos oficiais do MPLA, que a substituição da prisão pela deportação em Cabo Verde se tenha dado simplesmente pela atuação da PIDE. Mas, realmente, deveu-se a Eugénia Neto, esposa de Agostinho Neto e escriturária num notário de Viana, sito na Rua do Conde Príncipe, n.º 25, que, solicitando o escritório de advocacia de Adriano Moreira, então Subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, em Angola, pode ver o seu esposo livre juridicamente. Recorda-se que, apesar de tudo, Adriano Moreira pertence ao corpo de dirigentes do regime do Estado Novo. A intermediação de Adriano Moreira, conforme testemunha, é jurídica. Mas, segundo a peculiaridade de Angola (colónia) e pela atuação da PIDE, também é discreta.



Escrevi um despacho de nomeação, dizendo que nomeava o Dr. Agostinho Neto para a vaga tal, do quadro médico para Cabo-Verde. Por urgência de serviço, toma posse, dentro de trinta dias. Paguei o bilhete à mulher para ir ter com o marido a Cabo-Verde, dei-lhe dinheiro para o enxoval da criança, e depois, como estive pouco tempo no governo, perdi-a de vista<sup>2</sup>.

Em Cabo-Verde, Agostinho Neto, Delegado de Saúde, é aliciado pelas autoridades governamentais para que tome posição contra as pretensões angolanas à independência. Agostinho Neto não colabora. Ora, após as autoridades portuguesas verificarem que a nomeação não surte os efeitos de conversão de Agostinho Neto, segundo os relatos da PIDE, é decidido encarcerá-lo, pela quarta vez, sob pretexto de ter consigo uma fotografia reveladora das atrocidades cometidas pelos colonos portugueses em Angola.

Transferido para as masmorras portuguesas, Agostinho Neto só se livra da perseguição da PIDE após a fuga, em 1962, concretizada com o apoio do PCP.

#### **4. Da presidência à nova constituição do MPLA**

Até 1962 Agostinho Neto é, conforme o testemunho de Mário, presidente honorário do MPLA. No seu regresso a Angola nos finais de 1959, depois de se formar em medicina

---

<sup>1</sup> Entrevista do autor a Adriano Moreira, Lisboa, 27 de Novembro de 2017.

<sup>2</sup> *Ibid.*

em Portugal, associa-se ao MINA, nova força política da consciência emancipalista, que nasce em Luanda, com o empenho de Manuel Pedro Pacavira, José Bernardo Domingos, “Kiosa”, Joaquim Bernardo Manuel, Bernardo Joaquim Silas, David Bernardo d’Eça de Queirós, Rodolfo da Ressurreição Bernardo, Fernando Coelho da Cruz, Adriano João Sebastião, Madaleno Pacavira. O MINA persegue, portanto, o ativismo político das outras forças da consciência emancipalistas que gravitavam em Luanda.

Antes de prosseguirmos o percurso nacionalista de Agostinho Neto, em ordem a clarificar a razão do MPLA, é conveniente apresentar um breve esclarecimento acerca da génese deste movimento, acerca da qual correm duas explicações. A historiografia oficial, na primeira versão, data a fundação do MPLA em 10 de Dezembro de 1956, em resultado da associação do PLUAA com outros movimentos nacionalistas que gravitam em Luanda (Movimento Popular de Libertação de Angola, 1974, p. 17) e, ou do MINA. (Maria, 2019, p. 185). A segunda versão, mais do que apontar a data da fundação, faz referência à própria génese do movimento que tem como ponto de partida, o “Manifesto para um amplo Movimento Popular de Libertação de Angola”, considerado o ponto de referência do MPLA. (Lara, 1997, pp. 23–29).

Contudo, a estas duas explicações e afora os contornos no campo político, sublinha-se que a primeira delegação política do MPLA constituída em Conacri por angolanos assimilados (luandenses, *mbundu* e crioulos), em 1960, está sem a figura de Agostinho Neto, deportado em Cabo-Verde e, seguidamente, em Portugal. Assim se constitui o primeiro Comité Diretor do MPLA: Mário Pinto de Andrade, mestiço, natural de Kwanza Norte, técnico superior, Presidente das Relações Exteriores; Viriato Clemente da Cruz, mestiço, natural do Kwanza Sul, técnico de ensino médio, Secretário-Geral; Lúcio Barreto Lara, mestiço, natural do Huambo, técnico superior, responsável da Defesa e Segurança; Luís de Azevedo, negro, natural do Bengo, do ensino secundário, Funções Diversas; Eduardo M. dos Santos, mestiço, natural do Kwanza Norte, técnico superior, Serviços Sociais; Hugo de Menezes, negro, natural de São Tomé e Príncipe, técnico superior, Informação e Cultura. (Lara, 1997, p. 365; Tali, 2001, p. 68).

Com a saída de Agostinho Neto de Portugal, o então presidente interino, Mário Pinto de Andrade, organiza uma conferência nacional na qual se elegeria o novo presidente do movimento. O cargo de presidente é reservado, naturalmente, segundo Mário Pinto de Andrade, para Agostinho Neto. Este representa os matizes dos nativos de Angola, vistos concretamente nos “filhos do país”, negros. Assim não é o entendimento do secretário-geral, Viriato da Cruz. Instala-se uma crise no seio do movimento nos anos

seguintes a 1962, entre Neto e Viriato. A crise deve-se mais a motivos de afirmação do poder sobre o movimento do que a conflitos de índole pessoal, tal como referimos. Perdendo para Agostinho Neto, Viriato da Cruz vê-se afastado do MPLA.

Perante os avanços da UPA-FNLA, instalada nos círculos de Léopoldville, a crise de liderança que se instala no MPLA condu-lo à beira da extinção, em 1963. Mas o MPLA é salvo, segundo Wheeler, pelo intenso trabalho nos bastidores de Lúcio Lara.

Embora a beira da extinção por motivos internos, inesperadamente o MPLA passa por um renascimento em 1963 pelas diligências, grosso modo do seu presidente, Neto. Três razões são apontadas para a sobrevivência e, ao mesmo tempo, do renascimento posterior deste movimento. Em primeiro lugar, aponta-se as diligências dos protagonistas do movimento, menos de uma dúzia, militantes do marxismo, habituados na luta clandestina e convencidos na edificação de Angola como um Estado socialista, tendo Lúcio Lara como o elemento-chave. Em segundo lugar, aponta-se o apoio efetivo que o MPLA goza da União Soviética, das democracias do leste da Europa e de Cuba. E, em terceiro lugar, depois da afirmação menos conseguida em Kinshasa, por ter deslocado o seu quartel-general para Brazzaville, em 1963, despistando-se quer do Governo Revolucionário de Angola no Exílio (GRAE) quer das intrigas da PIDE.

Com sede em Conacri, o MPLA procura instalar-se no Congo Léopoldville, sede da vanguarda da UPA-FNLA. Perante a aceitação de Holden Roberto entre as autoridades do Congo recém-independente, o MPLA lança organizações satélites — Corpo Voluntário Angolano de Assistência aos Refugiados (CVAAR), com o Reverendo Domingos da Silva; Exército Popular de Libertação de Angola (EPLA), com Agostinho Neto; Organização da Mulher Angolana (OMA), com Deolinda Rodrigues; União Nacional dos Trabalhadores de Angola (UNTA), com Pascoal Luvualu; União Geral dos Estudantes da África Negra sob Dominação Colonial Portuguesa (UGEAN); Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP); Movimento Nacionalista Africano (MNA) — e, no plano diplomático, recorre a certos aliados do Governo Congolês. Faz-se valer de movimento de libertação em busca de mobilização e auxílio do seu povo emigrante, quiçá insatisfeito com o rival mais direto a UPA-FNLA.

A criação das organizações satélites por parte do MPLA, além da sua inoperância política na época, tinha o sentido de aproximar o MPLA nos meandros das comunidades angolanas estacionadas no Congo Léopoldville amparadas pela UPA-FNLA. Com o CVAAR, (Andrade & Laban, 1997, p. 177) revelam:

Participámos, com o governo congolês na ação social para os refugiados — que, em princípio, estavam a seu cargo. O Congo recebia meios de organismos internacionais, para os refugiados angolanos, que afluíam. A formação deste corpo, o CVAAR, com os nossos médicos, era uma ajuda para o governo congolês. Tanto mais que ela se estendia para além da ação em favor dos refugiados: intervínhamos mesmo junto do governo congolês. Com efeito, a Angola do MPLA dispunha de mais médicos que todo o Estado congolês da época, 1961!

O corpo clínico do MPLA é composto pelos seguintes indivíduos: Agostinho Neto, Eduardo dos Santos, Américo Boavida, Gentil Traça, Manuel Boal, Manuel Videira, Hugo de Menezes, Mário de Almeida, Edmundo Rocha, Vieira Lopes, Carlos Pestana<sup>3</sup>. Paulatinamente, o MPLA vai ganhando a consideração dos refugiados e do próprio Governo do Congo Léopoldville. Envia ao Ministro dos Negócios Estrangeiros Congolês nota dos seus fins, da sua natureza, dos seus estatutos e da composição do respectivo Comité Diretor que, sob presidência de Agostinho Neto, em 13 de Junho de 1962, dirigirá a Angola independente, em 1975.

### **Considerações finais**

Entrementes os anos de 1947 e 1975, os registos da história política (nacionalista e independentista) de Angola visualizada no ano de 1961, início da luta de libertação, Agostinho Neto é, inelutavelmente, a figura dentre as elites locais que anunciou a construção do Estado e nação de Angola.

Dirigente do MPLA, a par dos movimentos congéneres (UPA-FNLA e UNITA) e sem demérito do envolvimento destes no nacionalismo angolano, todos comungavam os mesmos objetivos, libertar Angola do jugo colonial português, Agostinho Neto mais forte (estratégica, ideológica e diplomaticamente) fez reconhecer perante a África e o mundo, em 1975, a então República Popular de Angola, hoje República de Angola.

Volvidos 45 anos da independência, enquanto exímio nacionalista e primeiro presidente de Angola, Angola reconhece e rende homenagem aos feitos políticos de Agostinho Neto nas vestes de fundador e pai da nação.

Nas festividades do seu 99º aniversário e na antecâmara do 100º, este texto retratou o percurso nacionalista e independentista de Agostinho Neto (17.09.1922-17.09.2021) que, na história de Angola independente, contra todas as contrariedades lhe valem os epítetos de poeta, médico, guerrilheiro, estadista, herói nacional e outros.

---

<sup>3</sup> PT/TT PIDE-DA-C-2-88-1, Bol. Inf. 1030-193/64-BIR-24Abr/64, processo 110.00.30, fl. 133.

## Referências

- Agostinho Neto: Homenagem*. (2004). Fundação Sagrada Esperança.
- Andrade, M. P. de, & Laban, M. (1997). *Mário Pinto de Andrade: Uma entrevista dada a Michel Laban* (1. ed). Ed. João Sá da Costa.
- Cardoso, A. (1975). Angola: Um novo Vietname. *Vida Mundial*, 42–48.
- Lara, L. (1997). *Um amplo movimento: Itinerário do MPLA através de documentos e anotações: Vol. I, até 1961*. s.n.
- Magarreiro, V. (2005). *Almeida Santos diz que Acordo de Alvor foi apenas um pedaço de papel* [https://www.rtp.pt/noticias/pais/almeida-santos-diz-que-acordo-de-alvor-foi- apenas-um-pedaco-de-papel\_n4600].
- Maria, A. (2019). *Angola: A hora da mudança*. Edições Colibri.
- MFA. (1975). A situação em Angola e as nossas tarefas. *Movimento, Boletim Informativo das Forças Armadas, Especial*(19).
- Movimento Popular de Libertação de Angola. (1974). *Textos e documentos do M.P.L.A. sobre a revolução angolana*. Edições Maria da Fonte.
- Neto, E., Neto, I. A., Fundação Dr. António Agostinho Neto, & Polícia Internacional e de Defesa do Estado (Portugal) (Eds.). (2011). *Agostinho Neto e a libertação de Angola, 1949-1974: Arquivos da PIDE-DGS: Vol. II, 1961–1967* (1a. ed). Fundação Dr. António Agostinho Neto.
- Tali, J.-M. M. (2001). *Dissidências e poder de Estado: O MPLA perante si próprio (1962-1977): Vol. I: 1962-1974*. Editorial Nzila.
- Vicente, C. S. (2019). A fundação Agostinho Neto. *As voltas do passado*. Ecos da História: memória, comemoração e silêncio na luta de libertação de Angola, Luanda, Angola.

Recebido em: 11/10/2021

Aceito em: 20/12/2021

Para citar este texto (ABNT): LUÍS, João Baptista Gime. Trajetória político de António Agostinho Neto. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.1, nº Especial, p.16-30, dez. 2021.

Para citar este texto (APA): Luís, João Baptista Gime Luís. (dez.2021). Trajetória político de António Agostinho. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1 (Especial): 16-30.